



Fundado no Sesquicentenário da
Batalha do Seival

O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO
GRANDE DO SUL

Brasil 500 anos

Ano 2001 Especial Brasil 500 anos Nº 06

UMA HEROÍNA DA 3ª REGIÃO MILITAR

Cel Cláudio Moreira Bento (*)

A História da 3ª Região Militar, em seus primórdios, registra uma heroína, a Marquesa de Alegrete, D. Francisca de Noronha, esposa do Marechal – de Campo (atual general de Divisão) Luiz Teles da Silva Caminha e Menezes – o 5º Marquês de Alegrete. Personagem ilustre que originou o nome do município e cidade de Alegrete, criado como capela, em 1817, em invocação à N. Sra. Aparecida da Conceição do Alegrete. O Marquês de Alegrete foi o 2º Governador e Capitão-General da Capitania do Rio Grande de São Pedro, bem como o 2º Comandante da 3ª RM no período 1815-18. Foi o vencedor de D. Gervásio Artigas, na Batalha de Catalan, a qual liderou pessoalmente e que ocorreu em 4 de janeiro de 1817. Batalha que assinalou o fim da 1ª Guerra do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve contra Artigas.

Catalan foi uma batalha árdua e impetuosa e por algum tempo indecisa, até que o Marquês de Alegrete lançou a Cavalaria do Cel José de Abreu, o “Anjo da Vitória”, que repeliu para fora do campo de batalha a Cavalaria do oriental Latorre.

A Marquesa de Alegrete acompanhou o marido nesta vitoriosa campanha. Quando ia acesa a batalha e depois da vitória, a Marquesa de Alegrete liderou socorro médico aos feridos, sem discriminação de amigo ou inimigo, tarefa de caridade cristã em que foi auxiliada pelo capelão militar Dom Feliciano Rodrigues Prates, que se tornaria o 1º bispo do Rio Grande do Sul e personagem que resgatamos no **Noticiário do Exército** (nº 8.313, 17Out1991).

O episódio foi registrado pelo primeiro historiador militar do Brasil, como Reino Unido de Portugal e Algarve, o Coronel Diogo Moraes de Arouche Lara em suas “Memórias da Campanha de 1816”, publicadas na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** (nº 7, 1845, p. 122-173). O Cel Diogo é patrono da Cadeira na AHIMTB e nosso patrono no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e filho do Marechal Arouche de Toledo Rondon, o fundador e 1º diretor da famosa Escola de Direito de São Paulo do Largo de São Francisco, celeiro da maioria dos presidentes civis da República Velha.

Esta admirável mulher, D. Francisca de Noronha, acompanhou o marido, a cavalo, através da campanha rio-grandense. Fazia 9 anos que ela chegara ao Brasil junto com a Família Real. De igual forma que Maria Quitéria, a heroína da Independência na Bahia, da Marquesa de Alegrete só se conhece o feito histórico que a projetou na História, por haver prestado assistência aos feridos da Batalha de Catalan.

Na **História da 3ª RM**, v. 1, p. 158, publicamos alegoria focalizando a Marquesa do Alegrete socorrendo feridos, na batalha, sem discriminar brasileiros e orientais, tendo ao lado o capelão militar D. Feliciano Prates, prestando assistência religiosa aos feridos. Imortalizar no óleo este momento seria tarefa para o acadêmico Cel Pedro Paulo Cantalice Estigarríbia. Óleo a ser entronizado quem sabe no Hospital Militar de Porto Alegre ou no de Alegrete.

A REVOLUÇÃO DE 1930 E O ANTIGO QG DA 3ª RM

Cel Cláudio Moreira Bento (*)

A Missão Indígena na Escola Militar do Realengo 1919-21 formou a geração que liderou o movimento tenentista anti-oligárquico que terminou sendo violentamente reprimido nas revoluções de 1922 e 1924-26.

Finalmente o tenentismo, em 1930, sob a liderança de Getúlio Vargas, presidente do Rio Grande do Sul e antigo aluno da Escola Preparatória do Rio Pardo, liderou a conspiração de mais uma revolução armada. O primeiro objetivo a conquistar pela Revolução de 30 foi o QG da 3ª Região Militar, da qual era o comandante o General Gil de Almeida, que mais tarde escreveria a obra **Homens e fatos de uma revolução** (Rio de Janeiro: Ed. Calvino FO, 1943). Foi seu depoimento sobre o ataque ao QG, seguida de sua neutralização e prisão em 03Out1930 e de seu Chefe de Estado Maior.

Então, o QG da 3ª RM, seu comandante e sua Guarda foram alvo da 1ª ação militar revolucionária. O QG Regional e o antigo Arsenal de Guerra haviam antes sido colocados sob a mira de metralhadoras colocadas na torre da igreja vizinha e no alto do Hotel Majestic.

O início da Revolução de 30, com seu QG no Grande Hotel, foi dado às 17h50 de 03 Out, por um foguete lançado às 17h30 no Morro do Menino Deus.

E teve início a seguir o ataque ao QG da 3ª RM, com 35 homens da Guarda Municipal, saídos em coluna por dois, de seu quartel na esquina atrás do atual QG da Brigada Militar simulando uma passagem de rotina na porta do QG e armados de revólveres 38 novos, mantidos escondidos sob suas túnicas. E na retaguarda da mesma um grupo revolucionário liderado por Osvaldo Aranha, Flores da Cunha e Barcelos Feio.

Eles atacaram de surpresa o QG depois do expediente e foram eliminando os militares da guarda e os demais encontrados no QG, que eram em número de 14, e que foram mortos em cerca de 15 minutos. Ainda hoje a escada de acesso e as ferragens do elevador guardam sinais de impactos de balas.

O Comandante da 3ª RM recusou a entregar-se, o que só fez depois de receber carta de Getúlio Vargas, demonstrando a inutilidade da resistência.

O General Gil foi preso em seus aposentos e a seguir no navio Comandante Ripper, onde foram presos outros oficiais, inclusive o então Coronel João Baptista Mascarenhas de Moraes que comandava em Cruz Alta. O General Candido Mariano Rondon, preso em Marcelino Ramos, pelo General Miguel Costa que comandara a Coluna Miguel Costa/Prestes, foi preso no Grande Hotel, tendo a cidade por menagem.

E com a bem sucedida conquista do QG da 3ª RM e prisão de seu comandante e chefe do Estado-Maior a revolução expandiu-se sem reação pelo Rio Grande do Sul e Brasil.

A Revolução de 30 extinguiu a 3ª RM por 15 dias e a substituiu pelo Departamento de Pessoal da Guerra, sob a chefia do Ten Cel Horácio Souza. Foi restabelecida a 3ª RM depois da chegada vitoriosa da Revolução no Rio de Janeiro.

Em 27Out1930 a 3ª RM, restabelecida, passou a funcionar no mesmo QG, agora tendo como comandante o Coronel João Carlos Bordini (1877-1966), sobrinho-neto do General Osório, com papel de destaque na conspiração vitoriosa, cuja biografia resgatamos na **História da 3ª RM**, v. 2.

Em 03Out2000 no 70º aniversário da Revolução de 30, que teve início com o vitorioso e mortífero ataque ao QG da 3ª RM, foi nele colocada externamente, na Rua dos Andradas, a seguinte placa de bronze, como justiça na voz da História e traduzida pela seguinte interpretação histórica:

“Neste local, na tarde de 3 de outubro de 1930, um ataque ao Quartel General da 3ª Região Militar deflagrou o início da Revolução de 1930.

Sob a direção de Getúlio Vargas, Osvaldo Aranha, Flores da Cunha, Agenor Barcellos Feio e outros, o movimento denominado Aliança Liberal empolgou o estado e o país, alcançando a vitória com a deposição de Washington Luis.

A Revolução de 30 encerrou um ciclo de lutas anti-oligárquicas e por eleições limpas, conhecido por Tenentismo, e desencadeou um processo de modernização das estruturas sócio-econômicas no rumo de uma sociedade urbana e industrial”.

Uma consequência da Revolução de 30 no campo militar foi a sua promessa concretizada de construção de uma moderna escola militar: a atual Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. Prometida em Resende em julho de 1932, lançada a sua pedra fundamental em 1938 e inaugurada em 1944, tudo pelo chefe da Revolução de 30, Dr. Getúlio Vargas, os recursos para a sua construção foram viabilizados pelo Ministro da Fazenda Osvaldo Aranha, o cérebro da Revolução de 30 e um dos comandantes do ataque ao QG da 3ª RM.

Mas este ataque bem sucedido ao QG da 3ª RM, de incontestável e grande projeção nos destinos do Brasil, tem uma outra face que não pode ser esquecida: a dos soldados que juram solenemente ao Brasil, entre outras afirmações relevantes **“defender as suas instituições com o sacrifício da própria vida”**. E no outro lado do vitorioso ataque ao QG da 3ª RM existiram militares que foram mortos na crença de estarem defendendo as instituições, o que fizeram com o sacrifício da própria vida. E que não possuíam qualquer envolvimento político, a não ser o de cumprirem o seu dever militar até a morte.

Circunstância que Cícero, o Pai da Democracia grega, assim definiu:

“Aqueles que morrem por sua Pátria fazem mais por ela naquele instante que os demais em todas as suas vidas”.

E foi o caso dos seguintes militares do Exército que no ataque ao QG da 3ª RM foram mortos, nos seus postos de honra, contra um bem urdido, coordenado e mortífero ataque de surpresa, desfechado depois do término do expediente no QG, também residência de seu comandante com família.

Os nomes dos mártires, mortos de modo fulminante e a maioria desarmada ou sem reação, conforme se conclui de excelente estudo do historiador Major Dentista Reformado Hélio Ricardo Alves, sob o título “Ataque ao QG da 3ª RM em 03 Out 1930”, enviado à Academia de História Militar Terrestre do Brasil e com apoio na interpretação de depoimentos dos irmãos Aranha e Etchegoyen (Alcides e Ciro), Flores da Cunha, três guardas civis que participaram do ataque e bibliografia que relacionou ao final.

Os 14 militares do Exército mortos no ataque ao QG da 3ª RM foram: Major Otávio Cardoso, Capitão Jaime Argolo Ferrão, 1º Ten Atho Corrêa Franco, 2º Ten Joaquim Gonçalves de Melo, Cabos João Gouveia, Vítor Rodrigues dos Santos e Marinho Borges, Soldados Otávio Guidote, Flávio Guidote, Leonardo Lisboa, Mário de Paula, Galdino Soares, Américo Cortes e Vicente dos Santos.

O comandante da 3ª RM, na ocasião, em seu livro citado escreveu a certa altura:

“Honra aos oficiais, cabos e soldados mortos no dia 3 de outubro de 1930, no cumprimento do seu dever militar, na defesa dos brios do Exército, na obediência da Lei e no respeito à Pátria sublime”.

Acredita este historiador e outros analistas, em que pese a grande projeção da vitoriosa revolução de 1930, que teve seu início bem sucedido com o fulminante ataque no QG da 3ª RM, sem nenhuma vítima sua a lamentar, que os nomes dos militares do Exército mortos sejam perpetuados em bronze, como mártires, junto à entrada do QG da 3ª RM, à vista de todos que ali penetrem. Pois morreram fiéis ao juramento de soldado, defendendo as instituições com o sacrifício da própria vida e não em defesa de uma ideologia política.

(*) O autor é Presidente da AHIMTB e do IHTRGS.

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Vice-Presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS